



A ESCRITA E A VIDA: RIOBALDO E O USO DAS REMINISCÊNCIAS

Erilânia Ferreira Mendes ¹

Karynna Magalhães Barros da Nóbrega ²

RESUMO

Grandes Sertões: Veredas é um clássico da literatura brasileira que relata o amor de Riobaldo e Diadorim. Esse amor é narrado por Riobaldo em forma de uma conversa quando era um menino até ele idoso. Riobaldo descreve os tempos de protagonista de sua vida, de amor à Diadorim e de amor à jagunçagem. Ele destaca a época em que se governava e que para tudo, bastava coragem. Esse romance se estende por várias vias, tais quais, o amor, a prosa, a literatura, a jagunçagem e outros possíveis temas. Contudo, esse trabalho tem como propósito analisar a narrativa de vida de Riobaldo como longas reminiscências escritas, já que a história é contada por ele conversando com Compadre meu Quelemém e narrando o seu percurso de vida. É com base nisso que se pretende questionar a importância da reminiscência para o saber fazer com a velhice, por meio de um envelhecimento sereno, quando há o investimento na vida por meio do retorno ao passado. A psicanálise nos ensina que por meio da repetição e da fala há uma tessitura de um saber e um fazer diante do impossível. Em um período de iminência do fim, o resgate da narrativa do sujeito aparece como tentativa de dar um contorno ao que se passou. Investe-se na elaboração da vida através da memória resgatada em que, muitas vezes, a história parece se repetir, mas nunca será contada de maneira igual. Desse modo, partindo de uma articulação entre Literatura e psicanálise, tomamos como questão o que essa obra nos ensina sobre a velhice.

Palavras-chave: Escrita, literatura, reminiscência, velhice e psicanálise.

INTRODUÇÃO

*A gente na velhice, carece de ter sua aragem de descanso.*³

João Guimarães Rosa, natural de Cordisburgo em Minas Gerais, tornou-se um verdadeiro símbolo da literatura nacional. Foi embaixador, poliglota, ganhou Nobel da Academia de Letras e tem reconhecimento mundial, já que seus livros são traduzidos em diferentes línguas. Em 1956, João Guimarães Rosa escreveu sua obra Grande Sertões: Veredas. Esse clássico é conhecido por ser uma obra extensa e densa, além de

¹Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, erilaniafm@gmail.com;

²Professor orientador: Doutora, Professora adjunta III do curso de Psicologia, Unidade Acadêmica de Psicologia, UFCG, Campina Grande, PB, e-mail: karynna.magalhães@professor.ufcg.edu.br.

³ROSA, J. G. Grandes Sertões: Veredas. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p.15



possuir um arsenal de palavras, tanto de cunho sertanejo como de própria criação do Guimarães Rosa.

Grandes Sertões: Veredas narra a história de Riobaldo, um menino que vive com a mãe, em uma fazenda em Minas Gerais, nas margens de um afluente do rio São Francisco. O cenário da infância foi marcado por miséria, pois ele era uma criança duplamente pobre, tanto no quesito material, quanto na parte afetiva, tendo em vista que cresceu sem a presença de um pai. Riobaldo foi uma criança medrosa, tinha medo de tudo, inclusive de água. Depois que sua mãe morreu, levaram o menino para seu padrinho, um senhor muito avaro chamado Selorico Mendes, a partir de então, ele começa seus estudos e, ao mesmo tempo, começa a entrar no mundo da jagunçagem através dos bandos que passavam pelas terras de seu padrinho.

Em relação aos estudos, Riobaldo tinha uma sensibilidade plena com as palavras. Foi ensinado por Mestre Lucas e chegou, inclusive, a dar aulas. Em virtude dos estudos se tornou secretário de Zé Bebelo, um senhor deputado, porém analfabeto. Em meio a idas e vindas, Riobaldo se vê na missão de tomar a frente no bando de jagunços, entre suas caminhadas encontra com Deus e o diabo. Amores e desamores. Encontrou Nhorirá, na qual teve uma paixão, no sentido da atração sexual, Otacília, que servia como um amor ideal e Diadorim, um impossível. (ROSA, 2019, p. 352).

Mesmo sabendo os diversos níveis de discussão que esse livro pode alcançar, esse trabalho pretende se debruçar sobre o fato de que a obra é uma narrativa em que Riobaldo, velho, relata seus feitos para um senhor chamado de Compadre meu Quelemém. Essa prosa será analisada pelo prisma dos fundamentos psicanalíticos de orientação lacaniana que estudam sobre a categoria velhice. Nesse sentido, é importante salientar que não se intenciona visualizar a obra por um viés clínico, mas pelas contribuições que são pertinentes para o campo teórico e prático da pesquisa acerca da constituição subjetiva do idoso.

Ademais, esse trabalho tem como propósito analisar a narrativa de vida de Riobaldo como longas reminiscências escritas. Essa história é contada por ele ao compadre meu Quelemém, em que narra o percurso e travessias da vida. É com base nisso que se pretende questionar a importância da reminiscência para o saber fazer com o real da velhice, por meio de um envelhecimento sereno, quando há o investimento na vida através do retorno ao passado, isto é, um trabalho de investimento no presente com base na ancoragem do passado para que se possa esperar um provável futuro.

Assim, parte-se da perspectiva de que a obra de Grande Sertões: Veredas é uma coletânea de reminiscências, ou seja, uma insistência na vida através da narrativa sobre a jagunçagem, o sertão e os amores. Assim, Compadre meu Quelemém oferece uma verdadeira escuta para que Riobaldo percorra o caminho de tecelagem sobre o luto que está passando pelo amor impossível e idealizado: Diadorim.

METODOLOGIA

Esse presente trabalho tem como caminho metodológico o fichamento do livro Grandes Sertões: Veredas, escrito por João Guimarães Rosa, em 1956⁴ e a articulação com os conceitos do campo da psicanálise de orientação lacaniana, especificamente com os estudos da velhice que abordam o uso das reminiscências. Para fins de respaldo epistemológico, foram percorridas as obras fundamentais de Ângela Mucida, *Escrita de uma memória que não se apaga* (2009) e *Corpo, tempo e envelhecimento* (1998), resultado da tese de Delia Catullo Goldfarb.

REFERENCIAL TEÓRICO

O senhor entende, o que conto assim é resumo; pois, no estado de viver, as coisas vão enqueridas com muita astúcia: um dia é todo para a esperança, o seguinte para desconsolação⁵.

Para a psicanálise o desenvolvimento não segue a lógica cronológica, mas um tempo lógico, parte-se do pressuposto que, na velhice, o tempo segue em direção oposta ao que não envelhece: o desejo.

Com base nisso e considerando a velhice como uma categoria plural na qual cada sujeito do envelhecimento terá seu modo único de passar por esse processo, cada um vai envelhecer ao seu próprio modo considerando a cultura e a posição subjetiva. Iremos sistematizar o que são as reminiscências para a psicanálise e qual a importância dela no âmbito clínico e social.

⁴A edição usada para consulta foi a do ano de 2019.

⁵ROSA, J. G. *Grandes Sertões: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 295.

A entrada na velhice é um acontecimento que confronta o sujeito com a suspensão do futuro e desencadeia a angústia da morte. Para Goldfarb (1998), a velhice remete a uma posição subjetiva em que o sujeito demonstra um impasse em relação à imagem corporal, um estranhamento, o medo da dependência do outro e da morte.

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud (1914) esclarece que a repetição está situada em uma questão de atuação em que o sujeito segue repetindo. Já a recordação é tomada como meio para domar a repetição, ou seja, quando a recordação passa a transpor a resistência. Por fim, a elaboração é exercida como um trabalho, em outras palavras, como uma saída frente à repetição que demanda longa e árdua tarefa.

Mucida (2009) em *Escrita de uma memória que não se apaga*, ensina que para Freud, há três tempos que se enlaçam e formam a memória: os traços e marcas do que foi percebido e vivido, os traços do inconsciente e os mais arcaicos da memória. Algumas memórias, mesmo sendo incapazes de serem lembradas ou nomeadas, acabam por exercerem influência sobre as vivências e experiências posteriores. E a resposta freudiana para o fato de não lembrarmos tudo é porque existe uma barreira à recordação, proteção do aparelho psíquico contra o excesso de sofrimento. As lembranças sofrem o efeito da passagem do tempo e por isso não podem ser uma reprodução exata das situações que aconteceram (MUCIDA, 2009).

Com base nisso, segundo Goldfarb (1998), para Freud, a fantasia é o produto intermediário entre as instâncias consciente, pré-consciente e inconsciente. Desse modo, a reminiscência, no caso, não estaria ligada como uma simples reprodução de lembranças ou uma repetição cansativa do mesmo relato, e sim uma forma especial de fantasia que se desenvolve, principalmente, na velhice, a autora afirma que “Sua função é realizar uma articulação entre a dimensão do passado e as circunstâncias do presente” (GOLDFARB, 1998, p.59).

Por fim, podemos tratar a reminiscência como um modo de insistência na qual vai tecendo toda uma narrativa de vida que é própria de cada existência. Enquanto que um velho nostálgico e deprimido se refere tristemente e sem paixão a suas lembranças, um velho que elabora um processo de reminiscência faz um uso alegre e, principalmente, torna-se protagonista de sua vida.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

De acordo com o percurso teórico traçado com embasamento na teoria psicanalítica lacaniana, percebe-se que a narrativa de Riobaldo em *Grandes Sertões: Veredas*, esclarece e exemplifica muitas questões que são desenvolvidas por Mucida (2009) e Goldfarb (1998). O livro é uma obra brasileira densa e foi possível catalogar diversas passagens, nas quais era perceptível que o personagem estava percorrendo um caminho de tessitura de reminiscências.

A seguir, destacamos alguns fragmentos do texto referente ao trabalho das reminiscências de Riobaldo.

Segundo Goldfarb (1998),

(...), entendemos que a memória que constrói a “história vivencial” um sujeito não é uma simples acumulação de memórias, mas a revivescência de uma trama de sequências significativas, isto é, uma memória não de fatos com sentido e coerência lógica, mas de acontecimentos com a possibilidade de produzir efeitos de sentido e significação no presente.” (GOLDFARB, 1998, p. 45)

Ao partir desse pressuposto, Riobaldo sintetiza do que se trata a memória de um sujeito: “Agora, que mais idoso me vejo, e quanto mais remoto aquilo reside, a lembrança demuda de valor - se transforma, se compõem uma espécie de decorrido famoso.” (ROSA, 2019, p. 248)

Para Mucida (2009), a memória pode ser pensada em três dimensões que estão interligadas e são os traços marcados das experiências vividas, pensadas, sentidas ou imaginadas, que se caracteriza pela força da impressão desses traços e os efeitos do tempo sobre eles. Assim, na perspectiva psicanalítica, tratamos a memória como recurso do inconsciente e não como algo estritamente fisiológico.

Lúcia Castello Branco (1995), ensina de maneira bastante sensível sobre a memória,

(...) a memória é sobretudo perda, é resto, é fragmento; que sob o gesto de olhar para trás, um outro gesto tem lugar na rememoração: o movimento de saída, de invenção, de ruptura com o passado e de trajetória em direção ao inevitável futuro a que nos lança qualquer ato de linguagem. Por isso a memória também é exílio: para sempre o abandono do lugar de origem, absurdo retorno ao lugar de onde nunca saímos. (CASTELLO BRANCO, 1995, p. 165)

Assim, as reminiscências tratam-se, verdadeiramente, de uma maneira de reafirmação do existir: um tempo em que o velho também era protagonista de sua história, por mais que agora não pareça. Assim, dizemos que a reminiscência atua como



um retorno ao que é familiar. Com base nisso, é possível identificar algumas passagens no livro que caracterizam a memória e o caminho do contar.

Primeiramente, “O senhor é muito bondoso de me ouvir. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data” (ROSA, 2019, p.77) Esse fragmento traduz o que foi esclarecido pela a autora de que não se trata de uma história linear, mas impressões de acontecimento que foram essenciais na construção de subjetividade do sujeito. Pontuações com essa mesma natureza se apresentam ao longo do livro por diversas vezes, por exemplo: “A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória.” (ROSA, 2019, p. 289);

O que vale, são outras coisas. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhado, só mesmo sendo as coisas rasa sem importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. Assim eu acho, assim é que conto. O senhor é muito bondoso de me ouvir. (ROSA, 2019, p. 76)

Ademais, o sujeito do envelhecimento possui uma demanda de fala, pois tem sua possibilidade de futuro comprometida, assim, se amarra a uma re-elaboração do passado, de modo a fazer valer o momento vivido no presente. Assim, ao fazer uso da palavra, produz-se um contorno ao luto fundamental, o da própria vida que está condenada desde o nascimento (GOLDFARB, 1995). Dessa maneira, o personagem principal de *Grandes Sertões: Veredas* nos ensina que morrer pode até ser natural, mas compreender a perda da vida é, verdadeiramente, desafiador. Tais implicações de Riobaldo, podem ser exemplificadas nos seguintes trechos:

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pelas astúcia que têm certas coisas passadas - de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora acho que não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado” (ROSA, 2019, p. 36)

"Desculpe me dê o senhor, sei que estou falando demais, dos dois lados. Resvalo. Assim que a velhice faz. (...) esta vida é de cabeça para baixo, ninguém pode medir suas perdas e colheitas. Mas, conto. Conto para mim, conto para o senhor. Ao quando bem não me entender, me espere” (ROSA, 2019, p. 109)

Para mais, a leitura de *Grande Sertões: Veredas* (2019), remete a um sentimento de profunda sensibilidade e nos convoca a pensar sobre a importância do lugar para a construção da subjetividade do sujeito. Riobaldo tem a marca sertaneja como bússola de sua estrada enquanto homem e enquanto jagunço. Para ele, o sertão desvela e vela os

mistérios da existência humana e da natureza: “Assim é como conto. Antes conto as coisas que formaram passado para mim com mais pertença. Vou lhe falar. Lhe falo do sertão do que não sei.” (ROSA, 2019, p.78); “O senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há- de estar sempre em cima do sertão.” (ROSA, 2019, p.381)

O lugar do sertão, ocupa para Riobaldo, um significativo importante no qual ele passa toda sua vida atravessando, percorrendo as terras, é um lugar que lhe propicia pertencimento, reconhecimento e identificação, “Sertão é dentro da gente.” (ROSA, 2019, p. 224); “Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas - e no meio da travessia não vejo!- só estava era entretido na ideia dos lugares de saída e de chegada.” (ROSA, 2019, p.32). A travessia a que Riobaldo se refere, na qual por muitas vezes toca questões místicas, trata-se de uma invenção de uma forma possível para ele estar no mundo, para atravessar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam. Melhor assim. Pelejar por exato, dá erro contra a gente. Não se queira, viver é muito perigoso⁶

Para Mucida (2009), “atualizar é contornar o que já foi vivido”. Desse modo, percebemos que o trabalho de Riobaldo de narrar a vida tem como acontecimento traumático principal a morte de Diadorim, o que podemos tratar como a experiência de perda e de luto. Além disso, é uma experiência de luto pelo próprio processo de envelhecimento, no qual ele já não se vê tão jagunço assim. O que restou dessas experiências?

Se toda saudade é uma espécie de velhice, (ROSA, 1957) o que existe na obra é a tentativa de tecer o que não tem nome: o real da velhice, da perda, da morte e da saudade, no mais brasileiro sentido da palavra. Dessa forma, Freud, em *Reflexões para o tempo de guerra e a morte (1915)*, afirmou que não há representação psíquica para a morte, ou seja, algo de insuportável não se escreve. Já em *Luto e Melancolia (1915)*, Freud, alega que saber que perdeu é da ordem da consciência, mas já saber o que perdeu se situa em uma dimensão inconsciente. Assim, fazendo o recorte para a fase do envelhecimento:

⁶ ROSA, J. G. *Grandes Sertões: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 67



O doloroso processo do luto deve ser reiniciado ante cada perda, mas quando as perdas são particularmente numerosas como acontece durante a velhice, o processo continua quase sem interrupção. Também não devemos esquecer que o luto fundamental que deve ser elaborado na velhice mais avançada é o da perda da própria vida. Como elaborar então, um luto por um objeto que foi altamente investido, que não pode ser substituído, que ainda não foi perdido, mas que está condenado desde o nascimento (GOLDFARB, 1997, p. 61)

Nas palavras do próprio João Guimarães Rosa, “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe é no meio da travessia” (ROSA, 2019, p.53). Esse real pode ser representado pelo irremediável fim da vida. Mas Riobaldo nos ensina que carece ter coragem. No fim do livro ele nos afirma, “Cerro. O senhor vê. Conteí tudo. Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho. Sei de mim? Cumpro (...) Existe é homem humano. Travessia.” (ROSA, 2019, p.435). Com Riobaldo aprendemos que a beleza da vida se dá em viver e apostar no desejo, mesmo resgatando o passado para investir no futuro, cada sujeito constrói o seu lugar e tenta construir algo na vida.

REFERÊNCIAS

CASTELLO BRANCO, L.; BRANDÃO, R. Literaterras. As bordas do corpo literário. Belo Horizonte: **UFMG/Annablume**, p. 165, 1995.

FREUD, S. Luto e Melancolia (1976[1917]). In Standard Edition das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol XIV. Rio de Janeiro: **Imago**, 1996.

FREUD, S. Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: **Imago**, 1996.

GOLDFARB, D. C. Corpo, tempo e envelhecimento. São Paulo: **Casa do Psicólogo**, 1998.

MUCIDA, A. Escrita de uma memória que não se apaga: Envelhecimento e velhice. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2009.

ROSA, J. G. Grandes Sertões: Veredas. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2019.